

# Boletim SOMOS A FLORESTA

ANO 3 – nº 8 – Belém/Pará – Amazônia/Brasil – jul 2023

## Editorial

Vitimados pelas graves violações aos seus direitos constitucionais, os povos indígenas vêm resistindo há centenas de anos ao genocídio provocado pela invasão dos colonizadores aos seus territórios. Uma invasão e colonização que perdura até os dias atuais ceifando vidas, culturas, histórias, modos de vida dos povos originários. Hoje o golpe se sofisticou para além das armas convencionais, são as estratégias políticas que ameaçam os indígenas. A quem interessa o Marco Temporal? A quem interessa inverter a história? A quem interessa apagar a história dos povos originários? O agronegócio, os banqueiros, os latifundiários, fazendeiros, todos levantam a tese jurídica de que só tem direito à terra os indígenas que a ocupavam em 1888, legalizando os crimes ruralistas em defesa da exploração dos territórios tradicionais. Nesta edição, a gente anuncia a luta dos Xipaya pela defesa de seus direitos, seu território, sua língua, cultura e modos de vida. Um processo de resistência que também se entrelaça com a história de constituição do Fundo Dema. Boa Leitura!

## INDÍGENAS LUTAM PELA RESISTÊNCIA DA AMAZÔNIA

Originada de um crime ambiental, a história do Fundo Dema é diretamente interligada com a trajetória de resistência do povo Xipaya. Ele está localizado, em sua maioria, na região da Transamazônica (PA), precisamente no território da Terra do Meio, às margens dos rios Iriri e Curuá, e no município de Altamira (PA).

Foi do território deste povo que, em 2003, foi derrubada grande parte das cerca de seis mil toras de mogno, considerada uma das madeiras nobres da Amazônia e de grande valor no mercado financeiro. À época, a Terra In-

dígena (TI) Xipaya não era demarcada, o que facilitava a invasão de grileiros e madeireiros. As aldeias Tukamã e Kuruaya, localizadas naquele território, foram diretamente afetadas pelo roubo das toras de madeira.

Além disso, os Xipaya também sofreram impactos socioambientais com a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que afetou a fauna e a flora locais, provocando alterações no ciclo ecológico da região e impactos na pesca como atividade econômica e de subsistência dos povos da região.

[continua na pág. 2]



# OS XIPAYA E O PROTAGONISMO

Hoje, 20 anos depois do crime ambiental que atravessou a trajetória do Fundo Dema, a floresta voltou a se regenerar e outras aldeias surgiram com o principal objetivo de defender o território. A aldeia Tukamã, por exemplo, é tida como a mais bem estruturada da TI Xipaya, contando com escola, posto de saúde, fornecimento de água encanada por meio de bomba, energia elétrica por meio de gerador e placa solar, internet e cantina para a troca e venda de alimentos. Porém, este sistema econômico é considerado de pouca vida útil porque dura apenas no



Comunicadores indígenas do coletivo Sekamena

período da safra da castanha do Pará, inviabilizando a renda nos meses posteriores à safra.

Como alternativa econômica, as famílias da aldeia passaram a investir no manejo do açaí para obter maior equilíbrio financeiro e ao mesmo tempo promover a conservação ambiental no território indígena. Com o apoio do Fundo Dema, as famílias da aldeia conseguiram construir, em 2019, a

Casa de Açaí, para a produção da polpa do fruto, que tem cerca de 60% no avanço de sua estruturação, mas que ainda precisa ser consolidada com alguns ajustes para promover a comercialização.

“Os projetos trouxeram um benefício muito grande para a comunidade, principalmente na questão da união entre as famílias e as comunidades vizinhas”, relata Rosa Xipaya sobre o apoio do Fundo Dema às iniciativas comunitárias realizadas pela Associação Indígena Pyjahyry Xipaya (AIPHX).

Ao lado da miniusina de açaí foi construído o prédio da agroindústria para o trabalho com produtos não madeiráveis, como a extração do óleo da andiroba, castanha, babaçu, pequi, patoá, também a desidratação de frutas, de peixes. Com isso eles visam não só a segurança alimentar, mas a autonomia socioeconômica da comunidade.

Esse processo também promove a fixação da juventude indígena na floresta, uma vez que oportuniza o trabalho, que antes era encontrado na cidade, nas mineradoras.

“A gente tendo uma fonte de renda dentro da comunidade, a gente deixa as pessoas no seu local e você consegue conciliar o social, o ambiental e o econômico, gerando renda para as famílias através da coleta desses produtos e automaticamente cuidar da floresta”, avalia a engenheira florestal Joielan Xipaya.

## A relação com o Território e o compromisso com a ancestralidade

Nascida e criada na aldeia Tukamã,



Joielan Xipaya, graduou-se em Engenharia Florestal pela Universidade Federal do Pará (UFPA), depois concluiu o curso de mestrado na mesma área, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde também concluiu o doutorado e atualmente cursa um pós-doutorado. Seus estudos são voltados para a área de tecnologia da madeira a partir da caracterização de espécies tropicais da Amazônia.

Em diálogo com a indígena, ela destaca a motivação sobre sua contribuição enquanto pesquisadora e professora universitária, e o retorno dos conhecimentos adquiridos junto à sua comunidade. “É prazeroso ver os meus tios, primos, pai, mãe e envolvidos com o conhecimento da floresta e partilhar com eles a concepção de que a gente tem que viver da floresta, nós temos que manter essa floresta em pé, cuidar da floresta é também cuidar dos filhos, dos netos, deixar para eles e assim a gente continuar perpetuando a nossa existência aqui. Me sinto muito realizada e não é só o profissional, é o pessoal. Toda vez que venho para

## APOIO DO FUNDO DEMA A PYJAHYRY

1. **Projeto Fortalecimento da economia e da segurança alimentar através do manejo sustentável do açaí nativo na Aldeia Tukamã da etnia Xipaya (2015)**
2. **Projeto Reestruturação do FIX no meio Xingu (2016)**
3. **Projeto Consolidação Pró - açaí: manejo sustentável do açaí nativo (euterpe oleracea), como forma de fortalecimento da economia e da segurança alimentar na aldeia Tukamã da etnia Xipaya, município Altamira, PA (2019)**
4. **Projeto Associação Indígena Pyjahyry Xipaya-AIPHX (2021)**

# NO EM DEFESA DA AMAZÔNIA

cá é um encontro que eu tenho comigo mesma porque foi o lugar que eu nasci e saber que eu estou chegando nesse lugar e tentar ajudar as famílias que aqui estão”.

Joielan destaca, ainda, as expectativas da comunidade em relação ao Fundo Dema, uma vez que este apoio foi fundamental para o fortalecimento da Pyjahyry, ampliando o acesso a outros recursos que têm beneficiado a comunidade. “A comunidade tem essa relação muito forte com o Fundo Dema por ter recebido aquele rendimento do mogno por meio de apoio ao nosso primeiro projeto e hoje eles podem acessar este recurso. O Fundo Dema tem essa participação positiva na nossa vida, principalmente para a associação, que acessou o primeiro projeto, em 2011, quando foi criada. Era um projeto muito pequenininho de 33 mil reais e através dele já acessou outros recursos”, avalia.



Casa de Açaí construída com o apoio do Fundo Dema em parceria com o Fundo Amazônia

Até **2023**,

**66** projetos para organizações indígenas e com a parceria de organizações locais beneficiando, diretamente,

mais de **5mil** pessoas

**Abrangência:** os projetos de comunidades indígenas se concentram nas regiões da Transamazônica/Xingu, BR 163 e Baixo Amazonas.

Os projetos executados pelas comunidades indígenas são de ações ligadas à defesa do território e à proteção das florestas e rios, produção, coleta e beneficiamento de alimentos regionais e oficinas de artesanatos. Encontros, seminários, manifestações públicas locais, regionais e nacionais como o Acampamento Terra Livre que ocorre anualmente em Brasília, no mês de abril. São formas de manifestação, denúncias e articulações que tem contribuído para a articulação e o empoderamento de lideranças e o fortalecimento de comunidades indígenas.

A vigilância e a proteção das Terras Indígenas também compõem os projetos apoiados pelo Fundo Dema, uma grande demanda diante do avanço de invasões de garimpeiros, madeireiros e de

pescadores ilegais. Nesse campo as organizações indígenas têm realizado parcerias com órgãos públicos para combate à pesca ilegal e o desmatamento bem como controle de queimadas e invasões nas proximidades das comunidades indígenas.

O reconhecimento e a valorização das mulheres indígenas como cacicas, pajés, parteiras, benzedoras e puxadeiras tem sido cada vez mais comum nos projetos, fortalecendo práticas e saberes tradicionais de prevenção, tratamento e cura dos corpos das mulheres indígenas.

Construção e reformas de ofici-

nas de artesanato, formação e adoção de técnicas de comunicação áudio visual para jovens indígenas estudantes na cidade tem animado e propiciado que os estudantes na cidade mantenham contato com sua aldeia e parentes.

Manutenção de pomares e implantação de sistemas agroflorestais, de coleta e processamento de castanha do Pará, açaí, copaíba e outros produtos nativos da Amazônia tem grande importância entre os projetos apoiados.



# INDÍGENAS DO XINGU RESISTEM EM DEFESA DO TERRITÓRIO

Ney Xipaia é o cacique da aldeia Tukamã, casado desde os 16 anos com Sadrina Xipaya, professora de ensino infantil e básico na aldeia e que é sua prima. O casal possui 5 filhos. O mais velho, com 17 anos, já passou pelo ritual de guerreiros. O indígena é filho de mãe Xipaya e pai Kayapó. Para ele, a preservação da etnia é uma preocupação primordial. Nesta entrevista, o cacique fala sobre o apoio do Fundo Dema, as consequências sofridas com Belo Monte e as perspectivas da comunidade.



Ney Xipaia

## FD: O que representa o apoio do Fundo Dema ao povo Xipaya

**Ney:** A gente tem uma ligação de parceria muito forte com o Fundo Dema e com uma história iniciada em 2000, quando a nossa terra foi invadida pelos madeireiros, somado à luta dos movimentos sociais e a criação do Fundo. A proposta da comunidade é de lutar pela preservação desse território e receber o apoio do Fundo Dema ao projeto é muito significativo, pra justamente incentivar a valorização dessa cadeia [produtiva]. Com isso, a Pyjahyry cresce muito porque a gente vem falando dessa parceria ao longo desses anos pra comunidade e vai nos gerar um ponto positivo muito fundamental porque mostra pra comunidade que o Fundo Dema, de fato, contribuiu e tem contribuído muito para o fortalecimento, tanto cultural, quanto para a preservação da natureza, também para a valorização política, que é um dos carros chefes do Fundo Dema.

## FD: O povo xipaya, assim como grande parte da população de Altamira e entorno, e o próprio território como um todo,

## sofreram impactos muito negativos com a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Como vocês sentiram esse processo?

**Ney:** Quando começou a discussão de implementação de Belo Monte, em 2009, aqui no território do Médio Xingu, em Altamira, iniciava também a constituição do FIX [Fundo Indígena do Xingu]. Todas as comunidades estavam muito carentes e praticamente largadas. A proposta do Governo foi de reestruturar a FUNAI, então tirou todas as frentes de apoio que a gente tinha e a gente achou que ali era o momento de formar o FIX, que o Fundo era a única alternativa, e realmente foi, mas logo em seguida entrou esse processo todo, que todos acompanharam e que é muito triste. Muitos acabam vindo de uma forma que não é positiva, das comunidades aderirem a propostas de Belo Monte, de aceitar a barragem, de aderir a implementação do PBA [Plano Básico Anual]. Muitas comunidades não concordam com a forma que foi implementado. Moral da história, a gente não conseguiu avançar diretamente. Então o FIX não conseguiu ter uma estrutura política, de resistência, porque enquanto ele oferecia proposta de projetos de base, com recursos ainda muito baixos, o PBA logo chegou em cima, oferecendo Deus e o mundo. Isso desarticulou não só para a criação do movimento do FIX, mas desarticulou todo o movimento político da região de Altamira.

## FD: A consequências da construção de Belo Monte ainda são latentes? Como está hoje em dia?

**Ney:** Nós vivemos, desde 2009 até praticamente 2020, um momento de conflitos de interesses muito grande entre as lideranças, entre as comunidades, entre instituições, entre empresas e a gente não conseguiu avançar. Para nós, Xipaya, era muito claro de que isso ia acontecer e não foi fácil, a gente tentou se organizar de toda forma possível, mas o PBA é muito complexo e não conseguimos ter autonomia de avançar dentro desta discussão. Nós, aqui da aldeia Tukamã, fomos taxados como inimigos do Médio Xingu porque achavam que a gente queria desativar a proposta. Diziam que a gente não queria aceitar Belo Monte pelo fato de estarmos localizados distante de

barragem. E por conta disso, a gente saiu fora. Em 2016 houve uma polêmica muito grande O MPF fez o julgamento da Norte Energia pela não execução do PBA. Hoje a gente questiona pra própria FUNAI que o PBA não foi executado porque não teve as oitavas e isso é fato. A moral da história é que se implementa uma ação para uma aldeia e ela tem sido generalizada, enquanto que as aldeias têm realidades diferentes. Por mais que eles digam que a discussão é diferenciada, na prática isso não acontece.

## FD: Quais as perspectivas?

**Ney:** Desde 2012, a gente começou a puxar a política e fazer parte com a RESEX do Riozinho Anfrísio [AMORA], com a RESEX da Terra do Meio da Rota do Iriri [AMORÉRI], com o pessoal do ISA, onde a gente viu a oportunidade de articular para a reestruturação das comunidades, de pensar em projetos pequenos, mas que têm futuro, que tem essa ligação dentro do próprio território, e a valorização da floresta. Hoje a Tukamã, a TI Xipaya, pode-se dizer, tem uma estrutura muito sólida, referente a esse entendimento da proteção do território e da valorização econômica da floresta. A gente começou a trabalhar principalmente a valorização cultural, com a retomada do grafismo, da língua, dos rituais de dança das crenças, a proteção do território com o controle de gestão territorial, a criação do Comitê Gestor da TI, com o movimento das lideranças do próprio território, a parceria entre várias organizações. A minha expectativa é que nesse governo Lula a gente tenha mais apoio, principalmente ao movimento das instituições COIAB, FEPIPA, o próprio movimento local das comunidades. Espero que as comunidades indígenas tenham mais interesse em brigar em defesa da Amazônia, porque o último governo abriu portas para a mineração, para exploração da madeira e tudo isso deixou um conflito interno muito grande entre vários povos. Espero que de fato a gente possa ter uma articulação que se discuta o uso sustentável dos territórios, mas com soberania. Os povos indígenas têm que ser consultados. A gente precisa fazer parte dessa rodada de discussão para que lá na ponta a gente não seja refém das nossas próprias ações e não ter autonomia nem de viver dignamente dentro do território indígena.

## PROJETO AMAZÔNIA AGROECOLÓGICA

Informativo produzido por Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE)/Fundo Dema



**Jornalista Responsável:** Élide Galvão 2238 DRT/PA

**Textos:** Élide Galvão e Vânia Carvalho

**Tiragem:** 2.000 exemplares

**Diagramação:** Dah Passos

APOIO:



REALIZAÇÃO:



COMITÊ GESTOR:

